



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR

Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELLOS

O CAVADO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

VIDA CARA

Continua na sua marcha criminosamente abusiva a carestia de vida!

E' verdadeiramente intoleravel este encarecimento dos generos de primeira necessidade.

E ainda ha por ai quem censure a nossa atitude sobre esta gravissima situacão!...

Veja-se o que diz Guedes de Oliveira, no «Primeiro de Janeiro» de ante-ontem:

Subsistencias

Não! Eu não me insurjo nem contra os grandes fornecedores nem contra os pequenos retalhistas! Eu protesto contra todos os especuladores, contra todos os espoliadores, contra todos os que, pequenos ou grandes, impiedosamente abusam das circunstancias para assentarem o pedestal da sua riqueza sobre os alicerces da miseria estranha. A sciencia caixerialmente barata dos phenomenos commerciaes de momento, as leis da oferta e da procura, a carestia dos fretes, a elevação dos cambios, as perturbações do credito, as dificuldades do transitio, os embarços, todos os embarços! que anormalisam na hora que passa a vida economica de quasi todos os povos, tudo isso está mais do que suficientemente debatido e esclarecido para que

nos detenhamos em o considerar. Portanto, não! não é disso que se trata! Do que se trata é de impedir, se é possível, o abuso, a sofreguidão, o delirio absorvente do venha-a-nós que em tantissimos casos se está observando, e é verdadeiramente todo o fundo e toda a raiz do mal predominante. Tenho aqui recebido denuncias de factos monstruosos, de prodigiosos lucros, de operações delirantes, e bastar-me-ia apontal-os, insinual-os, sugeril-os á consciencia do povo para que ele fizesse justiça por suas mãos. E' por isso que esperam?

O desvairamento dos lucros que a todos atingiu precisa de acabar, tem de acabar. Supôr que o povo desconhece em que ponto termina o commercio licito e começa a folia da rapacidade e da usura, é um erro de cegos e dementados. Não ha um só espoliado a quem falte a razão clara da espoliação, que não tenha, mais claro ainda, o instinto a ilucidal-o. Perguntem aos pretos de Africa porque deixaram de aceitar os artefactos portuguezes que a insofrida ganancia de exportadores e importadores reduziram a uma purissima burla e determinaram uma crise fabril que não foi ainda debelada. Precisaram esses pretos de um curso de economia para saberem como se é ludibriado? Não! Nunca foi preciso dizer ao rebanho porque tem de acautelar-se dos abutres.

Uma das causas mais directas do actual conflito provém da guerra de 1870-71 ou antes da occupação da Alsacia-Lorena pelos alemães em seguida áquella campanha. A França ficou sonhando sempre com a *révanche*, a politica teutonica caracterizada em Bismarck, Caprivi, e von Bülow procurou sempre por isso, manter a França isolada em meio de uma Europa de adversarios impotentes.

Mas acções provocam reacções; a diplomacia franceza procurou obter o equilibrio e obteve-o quando Casimir Perier lançou as bases da aliança franco-russa em 1891, acôrdo effectivado com a *Declaração de 1897* por occasião da viagem de Felix Faure á Russia.

Ainda assim esta aliança foi por muito tempo mais ficticia do que rial e tanto a França como a Russia tiveram que ceder, por diversas vezes á pressão alemã e á pressão Inglesa quando a expansão colonial de ambas as aliadas já tendia a dar-lhes uma notavel preponderancia no mundo.

Em diversos acontecimentos se verificou a inferioridade da *Dupla-Aliança* e não ha duvida que essa inferioridade se continuaria se não fôsse a perspicacia da Inglaterra e a finissima politica de Eduardo VII.

E aqui encontrámos outra das principais

Não me tragam razões inuteis em não menos inuteis palavras. Os factos falam melhor do que as razões, e os factos demonstram que se está levando o abuso até á imprudencia, até ao desatôro. No interesse dos que devoram, como no de aqueles que são devorados, é urgente que se moderem. A proseguir tudo nesta ascendente e pavorosa escala, não ha leis fatais de commercio que desculpem ou justifiquem esta febre de extorsão, mas as leis, mais fatais ainda, do desespero e da fome, que trarão muito tardia a hora do arrependimento. Reprimam-se! Detenham-se! Reflectam! E se é certo que a occasião faz o ladião, conduzam-se de maneira que ela possa fazer tambem o homem honrado!



LITERATURA

Requiem...

Vi Camillo uma unica vez. Em Seide, onde fui visital-o, agradecer-lhe a generosissima espontaneidade com que viera ao meu encontro, sem me conhecer, á hora a que eu, sabido das escolas, via deante de mim a longa, espinhosa estrada da vida, e a meus pés, muda, fechada, lugubre, a sepultura do meu unico amigo... — de meu pae!

Conversamos por espaço de tres horas — as tres horas mais queridas da minha vida... E em certa altura, enquanto elle me fallava do seu trabalho de critica á regia traducção do *Othello*, chamando a esse trabalho «modelo de escriptura de escriptor aborrecido», puz-me a reparar na sua figura phisica, essa figura que tinha um não sei quê de spectral e de sublimo, alquebrada, roida, prostrada já então pela atroz tortura moral que o consumiu, e de

que a doença phisica era, apenas, um miseravel e infimo symptoma...

E não comprehendí que estivesse deante do homem cujo espirito jorrara catadupas de alegria atravez de infinitas paginas...

De mais a mais, Camillo rompera de repente, sem transição e sem pausa, como se a mão de ferro que allim o atirou á cova, lhe tivesse n'aquelle momento empolgado, repuxado, quebrado a aza do seu pensamento, rompera, digo, na toada lugente das suas infinitas desgraças... — toada que o orgão do Jorge, o filho doído, o filho querido, de longe, do seu aposento, acompanhava, como se acompanhara um *requiem*...

— Mestre, mas é alegre a sua obra, disse-lhe eu. — Mesmo a sua obra actual...

— Ah, sim... obrigado... dizem vocês isso... dizem isso lá fóra...

E pousando-me sobre o hombro a sua mirrada, carcomida mão de esqueleto, onde havia um anel de ferro, concluiu:

— ... Alegria ficticia, meu amigo. Rio para esconder as lagrimas...

E erguendo o braço no ar, e fitando o ouvido, e segurando-se com mais força á bengala que tremia, — designou, fitando vagamente o ouvido:

— Ouça... ouça... diga lá fóra, meu amigo, diga a todos que ouviu aqui dentro a musica da minha Alegria, os canticos da minha Alegria...

...No aposento distante, sob os dedos incoherentes do Jorge, o orgão continuava tocando... tocando... como se acompanhara um *requiem*.

Trindade Coelho.



Fraternidade das cousas

(DE F. PASSY)

O cimento das sociedades — dizia Laboulaye — é a amizade. «As proprias cousas nos aconselham a fraternidade», afirmou antes dele Santo Agostinho.

Um edificio não se aguentaria

dchuria e o poder crescente da Alemanha fêz ver á Inglaterra, que dos alemães lhe vinha a ameaça mais directa e perigosa para o seu commercio, para o seu predomínio maritimo e para a sua propria segurança; e logo com a campanha do *Madame in germany* iniciou uma mudança de vistas, uma diferente orientação que fructificou na sua entrada na conflagração ao lado dos aliados anti-germanicos, fazendo sem duvida alguma pender a balança para o lado destes.

Outra causa da guerra encontra-se na resolução da Alemanha unir a sua sorte á da Austria-Hungria; vimos que a orientação da machiavélica politica alemã procurou manter a inferioridade da França na Europa e apontaram-se os esforços que a grande Republica fêz para quebrar as algemas; esses esforços previu-os a diplomacia teutonica fundando em 1882 a *Triplíce Aliança* da Alemanha, com os austro-hungaros e com os italianos. Mas se a ligação com o Imperio Austro-Hungaro representava, a respeito dos austriacos, uma aproximação natural por ser ethnica e a respeito dos hungaros um golpe de habil diplomacia por explorar o odio irredutivel entre hungaros e eslavos, garantindo um positivo valor á aliança, outro tanto não succedia com a entrada da lialia na combinação.

(Continua.)

4.º

A GRANDE GUERRA

AS VESPERAS DO CONFLITO

O incidente, a *casca de laranja*, que precipitou as primeiras potencias de todo o mundo na guerra mais feroz e destruidora de que fica noticia na historia da humanidade foi como se sabe, o assassinato em Serajevo (capital da Bosnia-Herzegovina) a 28 de julho de 1914, do Arquiduque Francisco Fernando, herdeiro da Austria e de sua esposa morganatica Princeza de Hohenberg, a *Chotek* tão irritantemente invejada pela corte vienense.

A violencia do acto do servio Prinzip desencadeou as paixões, fêz explodir odios latentes de raça, magou a chaga sempre aberta da complicadissima *Questão do oriente europeu* e como numa vertigem em poucos dias as mais poderosas nações acharam-se envolvidas em uma inacreditavel conflagração de horrosas consequencias.

As *vesperas do conflito* antecedem porrem e muito a data do drama sangrento de Serajevo.

VISÃO!...

(a António Macedo Martins Lima)

Altivo sôbre a campa de vasto cemitério
Fazia um juramento sinistro e pavoroso
Um vulto que empunhava com braço musculoso
O punhal de PIANORI — a arma do mistério!...

Depois, em tórno a si, lançando olhar funéreo,
Seguiu na direcção de um fóco luminoso
Que ao longe reflectia palácio sumptuoso,
Onde abraça a tirania o carcomido Império.

Entrou bradando á turba: «Eu sou o socialismo,
O filho da miséria—o grande proletário—
Que vem precipitar-vos da morte no abismo».

E brandindo o flamejante ferro sanguinário,
Cumpriu o juramento: Onde era despotismo
Perdurável ficou silêncio mortuário...

M. Freitas Pacheco

de pé se as pedras que o compõem não estivessem ligadas umas ás outras por uma especie de afeição mutua.

Si non se quodam modo amante; paradoxo sentimental, dirão alguns.

Não! Verdade completa, de ordem simultaneamente moral e material, e que devia meter-se pelos olhos do corpo ao mesmo tempo que pelos olhos do espirito.

Tomêmos ao acaso um objecto qualquer, um pedaço de pano, uma faca, um prego, um copo. Enumero de proposito cousas de pouco valôr e de facil aquisição ou fabrico. Seria mais saliente ainda o facto se eu falasse desses productos complexos que podem ser considerados outros tantos mundos em miniatura: um navio (ainda que não couraçado), uma locomotiva, uma ceifeira a vapor ou uma dessas maravilhas de complicação e de precisão que se denomina um relógio, um macho de compôr ou de escrever, um contador de agua ou gaz.

Bem pouco é tudo isso; pouco representam aqueles objectos em trabalho, em tempo e em espaço, pois que se obtem em poucas horas ou minutos.

E contudo, que série interminável de operações foram necessarias para os produzir! Que multidão de cogitações e de musculos concorreram para esse resultado definitivo!

Que associação, que cooperação, tanta vez ignorada, mas ríal e indispensavel de vontades e de atos: cultura das plantas — linho, algodão ou canhamo; quer dizer estudo do seu modo de crescimento, colheita, preparação, transporte, fiação, tecelagem, tintura; invenção e construcção dos aparelhos; construcção da fabrica e officinas; utilização da força do vapor e do peso da agua; vehiculos, es-

tradas, navios, extracção de metais, que sei eu? Tudo isso para colocar ao meu alcance um metro de ramagem de tostão ou de flanela de seis tostões.

Raciocinio igual, e ainda mais justificado se pode fazer em relação a esta tigela de faiança, a



PASSY

esta faca de cosinha de dois sous, a estes alfinetes ou a estas agulhas de que posso comprar um milheiro por dez tostões.

Que significa isto senão que para a menor das nossas satisfações, para o mais simples dos nossos trabalhos, para a mais fugitiva das nossas cogitações, nós somos assistidos a toda a hora por milhares de milhões de cooperadores desconhecidos mas reais, vivos ou mortos, proximos ou afastados; e que neste prego, neste copo, neste alfinete, se nós souberamos vêr sentiríamos pulsar os corações e misturar-se os inteligentes esforços de gerações inteiras?

«Se nós suspeitásemos, disse Franklin, quantas guerras tem feito estupidamente os povos que se julgam civilizados para a posse de colonias de escravos, não poderíamos olhar para um fragmento de assucar sem nos sentirmos estremecer de horror, por tal modo ele se nos afiguraria ensopado em sangue dos nossos irmãos brancos e negros».

Se nós soubessemos reflectir (deveríamos dizer inversamente), não conseguiríamos comer um naco de pão, beber um copo de vinho, vestir uma camisa ou cal-

çar um par de sapatos, pegar numa folha de papel ou numa pena d'aço, coser um botão ou espetar um prego sem nos sentirmos comovidos pelos bemfeitores ignorados que para nós prepararam todos esses recursos e sem admirar a grande lei da solidariedade, a lei da colaboração e de amor que se nos impõe ao espirito quando mesmo a desconhecamos.

Que seria se, em lugar de a violar a toda a hora nós quizessemos observá-la e bemdizê-la; se, em lugar de nos unir para o mal nos associássemos para o bem; se comprehendessemos emfim esta lei suprema e encantadora — da fraternidade das cousas!

Luiz Leitão.

CRITICA BARATA

Conta-se que um dia, qualquer sujeito que visitava um manicómio perguntou a um dos internados, com o fim de apreciar a resposta que este lhe daria, se todos os que ali estavam eram doidos. O doente, olhando o interlocutor, respondeu-lhe desta forma: *nem são todos quantos estão, nem estão todos quantos são.*

Estas frases compostas das mesmas palavras, mas cada uma de significação diversa, mostram que o pobre doido tinha razão.

De facto *não estão todos quantos são*, como a cada passo se verifica e com tristeza vou constatar.

No sabado da semana passada, logo de manhã, o carteiro deixou-me em casa uma carta em *enveloppe* aberto e franqueado com duas estampilhas de meio centavo, que resa assim:

Barcelos — 24 — Março — 916.

Senhor

Escrevo-lhe unicamente para lhe fazer sentir o meu grande despreso pelo seu artigo que intitula «Critica Barata» o que eu chamo antes, «Critica grosseira d'um fatuo».

Se a minha alegria desperta compaixão, a sua grosseria de carroceiro é para lamentar.

Querendo evitar um *desmancho de queixos*, seja mais moderado na censura.

Raul Antonio T. de Sousa Christino.

Eu não me lembro de ter dito nada do sr. Raul Antonio T. de Sousa Christino e parece-me até, que nestes meus pobres escritos, nenhuma referencia fiz a tão inclito cidadão. A frescura do tempo não é mesmo propicia ao desenvolvimento dos germens da *berlaticice* e assim eu fiquei-me a pensar no que motivaria aquela *tão ofensiva* carta do sr. Raul Antonio T. de Sousa Christino.

Assumo sempre a responsabilidade do que escrevo, e tanto assim, que sempre assino estas despreziosas crónicas, para que se não diga que me occulto com a capa do anonimato.

O sr. Raul Antonio T. de Sousa Christino diz-me que despreza os meus artigos, e com esta declaração, eu sinto-me profundamente maguado; isto não é coisa que se me diga! Chama-me *fatuo*, o que, a ser provado, abala radicalmente a minha reputação. Apoda-me ainda de *carroceiro*, o que vem colocar-me em pessimas condições, e manda-me ser mais educado para evitar um *desmancho de queixos*, o que será a total perdição do meu canastro.

Por certo o sr. Raul Antonio T. de Sou-

Armindo Miranda

SOLICITADOR

Rua D. Antonio Barroso = BARCELOS

BOM QUEIJO da Serra da Estrela Na PADARIA MARIA ANTONIA

sa Christino, quer, como é costume dizer-se, chuchar comigo! Se era esse o seu fim, pode estar contente por o ter conseguido. Aqui estou a dar-lhe a sorte toda. O que podia era ter feito a coisa de forma a não me chamar nomes tão feios e não ameaçar os meus descarnados queixos, a parte do corpo que mais estimo e que mais indispensavel se me torna a vida.

Como hei-de eu comer a boroa, os feijões e as batatas, com os queixos desmanchados?

Não, não pode ser; parta-me antes uma perna, amasse-me uma, duas ou tres costelas, que eu com umas muletas e devidamente emprastado pelo Endireita de Rio Tinto irei arrastando o *cadavel*. Os queixos, não.

O meu crime não merece tamanho castigo, nem eu, ainda quasi na flor da idade, queria ficar inutilizado.

Moderese o sr. Raul Antonio T. de Sousa Christino e não venha mais pôr em sobresalto o meu espirito que tantas coisas tem que o preocupe.

Procure antes ocupar-se da crise do milho, dos preços dos generos de primeira necessidade; veja se pode filiar-se em qualquer grupo revolucionario civil e inculcar-se heroi da rotunda, ou então, em ultimo caso, peça ao Zezinho que o ensine a riscar palacios. Eu não sei que lhe faça!

Antonio Cardoso.

PERGUNTA-SE!

Porque se obriga o lavrador a vender o milho a 600 reis pela sua rasa, e se determina que o dos armazens seja vendido a 700 reis por medida mais pequena?

Quando estará calcetada a estrada do Campo da Feira?

Porque se consente, na feira, o açambarcamento da batata?

Porque se continua a matar cães com a strichnina?

—Não será isso dar provas de uma requintada selvageria?

BIBLIOGRAFIA

Limiana

Revista Literária Ponteliense.
—Directores: Júlio de Lemos e Severino de Faria.

Temos presente o n.º 10 desta bem redigida revista. Insere interessantes e apreciaveis produções do seu director Julio de Lemos, Teófilo Carneiro, Narciso Alves da Cunha, D. Ana de Castro Osorio, Trindade Coelho, Xavier da Cunha, etc.

Vê-se bem que o bafejo artistico de Julio de Lemos dá a *Limiana*, um ar de superioridade que difficilmente atingem publicações provincianas.

Tambem nem todos os dirigentes de revistas, podem ser o autor das *Campesinas* — preciosos contos que lêmos, em 1904, numa tarde de estio á sombra dum améal e ao murmúrio cantante dum fio de agua que serpeava entre seixos...! Alguns desses lindos contos deixaram-nos na alma uma extraordinária impressão moral e enlevaram-nos o espirito até ás regiões da Arte Perfeita, onde pontificam os Grandes-mestres das Letras e onde entrevimos já Julio de Lemos — para nós um dos mais cotados contistas portugueses.

Domingos de Figueiredo

ADVOGADO

Rua Direita

BARCELOS

Qualquer mediano homem culto sabe quanto é difícil escrever um conto perfeito.

Parece mesmo que esse segredo de escrever contos em Portugal era exclusivo do malogrado homem do letrados Trindade Coelho, e do estilista inultrapassável Eça de Queirós... Pois a despeito disso Júlio de Lemos herdou-lhes os pergaminhos; não ha quem saiba alinhavar e cerzir com tanto esmero uma páginasinha da vida rustica minhota, nem revelar os clichés da alma dos seus personagens com tanta intensidade e brilho, como ele.

Mas, não é das *Campesinas* que agora se trata: é da revista, da *Limiana*.

D. Ana de Castro Osório publica lá *Alguns provérbios Brasileiros e Portugueses*, que é um estudo muito interessante de folclore comparado.

Ignoramos se a ilustre escritora continuou esse trabalho. Se assim foi prestou um bom serviço aos estudiosos da língua e aos colecionadores de provérbios e anexins.

Teófilo Carneiro, poeta de requintada sensibilidade, publica um precioso soneto *Mar de encanto* cujo o último terceto não resistimos a tentação de publicar.

E marujo e poeta eis-me a cantar

Por sobre as aguas dêsse mar castanho
Profundamente lindo em teu olhar!...

Vêm depois as cartas inéditas: uma do dr. Narcizo da Cunha falando do Funchal: e tres outras desse extraordinário escritor que foi o dr. Trindade Coelho. Bastavam estas cartas para ilustrar a *Limiana*.

Nós pertencemos á falange, alias numerosa, dos admiradores de Trindade Coelho, o iniciador do naturalismo literário em Portugal.

Dispomos de pouco espaço para esta secção. Mas esperamos ter azada ocasião de nos referirmos a outros u.ºs. Então diremos mais acerca doutros colaboradores da revista, cujos trabalhos são de molde a serem apreciados com justiça.

Aos ilustres directores da *Limiana* os nossos agradecimentos pela visita da sua revista á nossa redacção.

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett.

No próximo n.º falaremos deste importantíssimo drama de Garrett.

Noticiario

«A Sombra das boas arvores»

Está no prelo este volume do nosso distinto colaborador sr. Luiz Leitão.

E' o II da série «Frutos da leitura e da reflexão».

Editor: Torres & Comdt.ª, antiga Casa Ferin, de Lisboa.

Preço do milho

O sr. governador civil do districto telegrafou ao sr. administrador deste concelho, dando-lhe conhecimento de que a Comissão de Subsistencias marcou o preço de 800 rs. para cada medida de 20 litros de milho no nosso concelho, e que serão severamente punidas quaisquer infrações, não sendo permitida a exportação de esse cereal sem ser por intermedio da dita Comissão!

Ai fica o aviso, sem comentários... por hoje.

Tenente Alfredo de Oliveira

De regresso de Africa, onde se achava em comissão de serviço no quartel general de Bolama, Guiné, chegou ha dias a Lisboa, este nosso simpatico amigo, filho de Ponte de Lima, cunhado do sr. José Rodrigues, industrial desta vila.

O nosso cartão de boas vindas ao brioso tenente.

Passos

Realisa-se hõje na freguesia de Manhente, a procissão de Passos, que costuma revestir um certo luzimento.



Salmão

No rio Minho, em Valença, saiu o primeiro salmão que, apesar de pequeno, foi vendido segundo lêmos, pela bonita quantia de 18.500 reis.



Movimento Judiciario

Audiencia de 31 de Março

Juiz Presidente—sr. dr Silva Monteiro.
Delegado do Procurador da Republica—sr. Dr. Moraes Campilho.
Distribuidor—sr. Dr. Castro Faria.
Escrivão de semana—sr. Monteiro.

Distribuição civil

Ação de investigação de paternidade que Rosa de Jesus Nogueira e irmãos, representados por sua mãe Josefa Nogueira, desta vila, movem a D. Adelina Amelia de Sousa e outros, da freguesia de Barqueiros.

Ao 2.º officio, escrivão sr. Silva.
—Inventario de maiores por obito de Joaquim Lopes da Silva Martins, que foi da freguesia de Vilár de Figos.

Ao 2.º officio, escrivão sr. Silva.

Orfanologica

Inventario por obito de Terêsa Candida, da freguesia de Martim.

Ao 2.º officio, escrivão sr. Silva.
—Inventario por falecimento de Maria Terêsa de Araujo Ferreira, da freguesia de Martim.

Ao 2.º officio, escrivão sr. Silva.
—Emancipação de Rosa de Castro, da freguesia de Aguiar, requerida por sua mãe Rosa de Castro, viuva, da mesma freguesia.

Ao 1.º officio, escrivão sr. Cardoso.



Notas da semana

Aniversarios natalicios.

Passam:

No dia 4, os dos srs. dr. Manuel Pais de Vilas Boas e Padre Antonio Miranda da Silva.

No dia 5, o da ex.ma sr.ª D. Maria das Dores Carmona.

Estiveram:

No Porto: os srs. Domingos Pereira Esteves, João Sousa e Silva, Secundino Pereira Esteves, Manuel Carmona Gonçalves e João Vieira de Castro.

Em Braga: o sr. Artur Roriz Pereira.

Em Espozende: os srs. drs. José da Silva Monteiro e Domingos de Figueiredo, capitão Nicolau Bacelar e alferes Alberto Tavares de Magalhães.

Em Barcelos: os srs. Manuel Teixeira, Aurelio Lamela e Antonio de Sousa Pinto.

Regressou

De Lisboa: o sr. dr. Luiz Antonio de Sousa e Costa.

Delivrances:

A ex.ma esposa do nosso bom amigo, sr. dr. Manuel Batista de Lima Torres, distinto advogado, deu á luz uma creança do sexo masculino.

—Egualmente teve a sua delivrance, dando á luz uma creança tambem do sexo masculino, a esposa do sr. Manuel de Sousa, irmão do nosso amigo sr. João de Sousa.

As nossos felicitações.

Enfermos:

Guarda o leito o nosso estimado diretor, sr. Hilario Barreiros.

Que se restabeleça em breve é o nosso maior desejo.

Restabelecidos

Encontram-se: os srs. dr. José Julio Vieira Ramos, Antonio Gomes da Cunha Guimarães e Antonio Tomaz de Araujo.

Falecimento:

Faleceu nesta vila, o sr. José Batista Guimarães, «o José dos Pretos».

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo juizo de direito d'esta comarca, cartorio do terceiro officio e nos autos de accção ordinaria de investigação de paternidade illegitima, cumulada com a de petição de herança, em que é auctor, com beneficio da assistencia judiciaria, Julio Lopes Martins, solteiro, menor emancipado, da freguesia de Martim, e em que são reus D. Maria Margarida Forte de Sá, ou D. Maria Margarida Pereira, viuva, do Porto, sua filha e genro D. Elvira Forte de Sá e marido o dr. Joaquim Antonio d'Ascensão Corrêa, de Rio Tinto, comarca do Porto,—estes por si e como representantes de seus filhos menores impuberes Manuel, Firmino e Elvira,—o Agente do Ministerio Publico n'esta comarca, e quaesquer interessados, certos ou incertos, que se julguem com direito a contestar ou intervir n'essa accção, correm editos de trinta dias, citando esses interessados certos ou incertos para, na segunda audiencia d'este juizo, posterior ao praso dos editos e a contar da segunda publicação d'este annuncio no Diario do Governo, verem acusar a mesma citação e oferecer contra eles a referida accção, que poderão contestar na terceira audiencia imediata.

Nessa accção pede-se para os reus serem condemnados no seguinte:

A verem julgar e declarar o autor como filho illegitimo de Manoel José Forte de Sá, que residiu na freguezia de Martim, havido de Maria da Conceição Lopes Martins, da mesma freguesia, sendo, como tal, reconhecido e havido por perfilhado, para todos os efeitos legais;

A verem declarar nullos todos e quaesquer actos e

Velas Inglesas

Vende-se no «Centro de Novidades»

AGUAS DE ENTRE OS RIOS

Para a cura de bronquites

Vende-se no «Centro de Novidades»

contractos feitos pelos 1.º e e 2.º reus, com respeito aos bens da herança do referido Manuel José Forte de Sá, bem assim os respectivos registos;

A verem tambem declarar nulla a partilha, feita com preterição do auctor, dos bens da mesma herança; e

A verem decretar o averbamento de perfilhação judicial no respectivo assento de baptismo do auctor, tudo com custas e procuradoria por todos os reus, e tambem multa e indemnisação por parte dos de maioridade, quando contestem ou impugnem a accção.

As audiencias ordinarias n'este juizo effectuam-se em todas as terças e sextas-feiras, por 10 horas, no tribunal judicial, sito no largo Municipal, d'esta villa.

Barcellos, 22 de Março de 1916.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Monteiro.

O Escrivão do processo,
Porfirio Antonio da Silva.

Aviso ao publico

Vinagre & C.ª e J. B. Ferreira Dias, avisam os seus estimados freguezes e o publico, que em virtude do caso anormal que se deu com o milho no dia 24 do corrente, deixam temporariamente de comprar nesta vila, cereaes e legumes secos.

As quantidades de milho que temos para vender ao publico, estas serão vendidas nos dias determinados pela autoridade administrativa em virtude de um contracto que fizemos em dezembro ultimo, com aquela mesma autoridade.

Barcelos, 29 de Março de 1916.

Vinagre & C.ª

J. B. Ferreira Dias.

«O CAVADO»

Publicações

| | | |
|------------------------|----|------|
| Corpo do jornal..... | 40 | reís |
| Secção d'anuncios..... | 30 | » |
| Repetição..... | 20 | » |
| Comunicados..... | 40 | » |

CENTRO DE NOVIDADES



Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140 — BARCELOS

Papelaria e objectos de escritorio:—Papeis e envelopes de todas as qualidades. Sortido completo em todos os artigos. Livros em branco e riscados.

Livraria:—Romances, contos, literatura, etc. Obras sobre religião, arte, jurisprudencia, etc. Revistas e jornais ilustrados. Assinatura permanente de qualquer obra. Livros escolares.

Tabacaria:—Tabacos nacionais e estrangeiros. Boquilhas, cigarreiras, bolsas, etc. Isqueiros e pedras para os mesmos.

Perfumarias:—Sabonetes de todas as qualidades, perfumes, loções, pasta dentifrica, escovas, pentes, espelhos etc. Agua de colonia a retalho.

Postais ilustrados:—Sempre as ultimas novidades, em todos os generos. Alburns para postais. Cromos.

Tipografia e encadernação:—Todos os trabalhos tipograficos — cartões de visita e de luto, rotulos, facturas, envelopes, recibos, relatorios, anuncios, etc. Impressões a cores. Impressos

para os srs. Notarios, Escrivães de Direito, Professores, Juntas, Confrarias, Regedores, e particulares, etc. Encadernações, pastas, cartazes, etc.

Artigos diversos:—Loteria. Cordas para instrumentos. Cartas de jogar. Carimbos de borracha. Carteiras, bolsas, etc., etc.

Generos especiais de alimentação:—Chá e café. Cacaú, chocolate, farinha Nestlé, maizena e outras, rebuçados, etc. Vinho sem alcool. Aguas minerais. Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE.

Sempre novidades.

Companhia de Seguros «BONANÇA» Fundada em 1808

CAPITAL RS. 1.568:000\$000

FUNDOS DE RESERVA RS. 305:408\$000

SEGUROS MARITIMOS, TERRESTRES E AGRICOLAS

O agente em BARCELOS:

Gaspar Ferreira de Macedo Faria Gayo

Rio de Janeiro PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma, n.º 52, Rio de Janeiro, encarega-se—com todo o zelo e mediante comissões modicas—de receber e fazer PRONTA REMESSA de rendas de casas, juros, dividendos e amortisações de quaisquer titulos, pagaveis naquela capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisa-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; em Portugal: no Porto com os Srs. Pinto da Fonseca & Irmão, e nesta vila com o Sr. Miguel Martinho de Faria.

“Padaria Maria Antonia,”

BARCELOS

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabelecimento, com secção de confeitaria, sortido de de especialissimos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, finissimos queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira, farinhas, massas etc.

Seriedade e modicidade de preços.

NOVO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

DE

COSTA & VASCONCELOS

Rua D. Antonio Barroso

Rua Barjona de Freitas

— BARCELOS —

Grande sortimento de artigos para senhora. Veludos inglezes e nacionais, sedas de cor e pretas lavradas para vestidos e blusas.

Chales de malha. Espartilhos. Agasalhos.

Flanelas, chitas, chales, cachenes, morins, panos crus, etc.

Esplendido sortido de flanelas nacionais e inglezas, tudo para fatos de homem.

Casimiras de cô., diagonais, picotilhos e cheviotes.

Padrões da maior novidade para fatos e sobretudos.

MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Chapéus e Guardasoes.

Os Milhões do Criminoso

Interessantissimo romance do popular escritor francez

Xavier de Montépin

2.ª EDIÇÃO

Famoso romance, que a casa editora Belem & C.ª Succ., tem em principio de publicação, por assignatura, impresso em papel superior, e ornado de finissimas estampas francezas.

1.ª parte—O incendiario.

2.ª parte—O grande in justrial.

3.ª parte—A luz da verdade.

Tomos de 10 folhas de 8 paginas 100 reis.

Cadernetas de 2 folhas de 8 paginas 20 reis.

Brinde aos assignantes.

A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

DE

JOAQUIM VIEIRA DA COSTA

Rua D. Antonio Barroso, 64. 66 — PARCELOS

Neste estabelecimento montado nas melhores condições, encontrarão sempre os estimados freguezes grande sortido de chá, café, arroz, assucar, bacalhau, azeite, e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e biscoitos de Valongo e Povoá.

Seriedade de preços!

Visitem este estabelecimento!

BAZAR DO POVO

DE

ARNALDO TORRES

Rua do Infante D. Henrique, 45 a 53 — BARCELOS

Neste estabelecimento encontra-se um completo sortido de camisaria, luvaria, e gravataria. Artigos de enca, papelaria e tabacos. Cambios, letras, selos, e papel selado.

Correspondente de todas as Companhias de Navegação para o Brasil, Africa e America do Norte.

Modicidade de Preços.